

nageando os nossos maiores, acrescentaremos novos conhecimentos sobre a data cujo Sesquicentenário todo o País celebra com justificado orgulho.

Aos componentes do Curso Especial sobre a Independência, os votos de pleno êxito da SUDENE e da Universidade Federal de Pernambuco.

APRESENTAÇÃO DO ORADOR — O Rio Grande do Norte é um Estado habituado às suas primazias históricas. É pioneiro da aviação com Augusto Severo. Da Escola Doméstica no Brasil, com a de Natal, fundada por Henrique Castriano; e dessa Escola já se escreveu que é o seu maior poema. Do voto feminino, com Juvenal Lamartine e José Augusto Bezerra de Medeiros. Da primeira Sociedade de Folclore fundada no Brasil, também na cidade do Natal, por Luiz da Câmara Cascudo, que, com a sua autoridade, deu curso e cidadania à expressão *estória* como representação da imaginação popular em tudo quanto ela pode criar ou recriar no vasto domínio da literatura oral.

Hoje, o Rio Grande do Norte segue essa inflexível vocação, abrindo com a palavra de Edgar Barbosa, na Universidade Federal de Pernambuco, as comemorações culturais do Sesquicentenário da Independência Nacional. Esta é também uma primazia, este um privilégio que cabe ao meu Estado, e que eu registo com uma vaidade sem pecado e um orgulho sem soberba. Tudo isso, afinal de contas, é o Nordeste como “complexo” cultural. E com uma personalidade histórica que lhe confere incontestável pioneirismo na emancipação política do Brasil.

O mestre Edgar Barbosa vai abrir, hoje, com o seu saber jurídico e histórico, tanto quanto interpretativo e humanístico, esse capítulo sem o qual a Independência não seria tão bela como sonho nem tão generosa como compreensão luso-tropical de uma civilização comum.

Na hora em que a Universidade Federal de Pernambuco, pela sua Comissão do Sesquicentenário, celebra o acontecimento maior da nossa História, um nome como o de Edgar Barbosa é condição de êxito dessas comemorações.

Sempre nos defrontamos — Edgar Barbosa e eu — como dois meninos do Ceará-Mirim que, de repente, pelo sortilégio do tempo, voltam à mesma Escola primária e encontram a mesma professora no seu lírico magistério: — Adele de Oliveira. Ela é hoje um anjo do Senhor; e a sua poesia tem, agora, a transcendência dantesca da suprema visão que os poetas às vezes anunciam. Mas foi o próprio feitiço do tempo — esse “velho alquimista”, como diz Machado de Assis — que me mostrou, no seu realismo mágico, o quanto a distância intelectual que nos separa — Edgar, o mestre, e eu, o aprendiz — é cada vez maior. Pois se outros pontos de referência não houvesse para marcar essa distância, bastaria o estilo, que é nele o requinte da frase, a simplicidade das coisas, a claridade do pensamento na obra de arte. Seu livro *Imagens do Tempo*, publicado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1966, é uma catedral gótica por onde se escoia a luz do Renascimento com o extraordinário ensaio sobre Leonardo da Vinci, que, em síntese, é a melhor interpretação do gênio a quem o seu século ficou devendo todos os conhecimentos.

Que admiração pode causar isso num perfeito humanista, num escritor de tão boas letras, num espírito tão universal como o de Edgar Barbosa?

No seu *Três Ensaio*s, publicado no Recife pela Imprensa Oficial, em 1960, tempos heróicos em que Cleophas de Oliveira dirigia essa Repartição como que transformada em Editora, o escritor, o crítico, o humanista, o professor de Literatura e de História, o admirável estilista com um poder quase único de síntese — se mostram numa evidência de brilho e segurança incomuns ao tratar de Camões, Cervantes e Machado de Assis. O ensaísta usa uma ótica literária e estética que lhe permite penetrar, por vezes, em segredos insuspeitados. E nisso está o seu talento criador: — a fuga ao estabelecido pela tentativa de encontrar, como encontrou, novas mensagens e novos feitiços, a intimidade do espírito no ato da criação solitária, o toque misterioso naquilo que a inteligência esconde para ser descoberto, pouco a pouco, à medida que novos rumos se revelam ao descobridor que navegar na profundidade das águas.

Ao lado disso, Edgar Barbosa é o jurista, o magistrado, o professor de Direito, cujos trabalhos são modelos da boa erudição e cujas aulas, de tão lúcidas e comunicativas, fizeram dele o paraninfo consagrado da primeira turma de bacharéis da Faculdade de Direito de Natal.

O jornalismo o atraiu logo cedo, quando era um galardão começar a escrever n'“A República”, fundada por Pedro Velho. Seus artigos de ainda jovem estudante de Direito marcaram época pelos temas e pelo estilo. Sempre o estilo, que é a sua presença, a sua singularidade e um pouco também a sua maneira de ser romântico — de construir a sua utopia — sem jamais perder os rudes itinerários do realismo cotidiano.

Um homem do seu tempo, mas inflexível na construção das suas imagens interiores, dos seus ideais de escritor e de artista numa prosa que, muitas vezes, é poesia.

É curioso — e deixei de propósito para o fim — que o seu primeiro livro fosse de História: — *Síntese Histórica*, Natal, 1929. História Geral sob a forma de “Apontamentos”, mas na qual — e quem escreveu esse livro tinha apenas dezanove anos de idade — se mostra o exegeta das civilizações sem o os tropeços do iniciante. A História abria um largo e belo caminho a quem iria encontrar nela, a cada passo, a vida humana como uma presença inarredável e contínua.

Mais tarde, no livro *Imagens do Tempo*, e falando sobre Henrique Castriano, um dos nossos ídolos literários, falará o mestre nesta rápida e luminosa pincelada sobre a História: — “Nossa História precisa continuar pelo caminho que lhe traçaram nossos maiores, pelo caminho das nossas boas tradições de honesto estudo, de generoso desinteresse”.

É o que vos traz aqui, convocado para uma lição de mestre pela Universidade Federal de Pernambuco, e para mostrar, como será muito do vosso agrado de professor de Direito e cultor da História, o quanto o nosso constitucionalismo liberal — o da Revolução de 1817, principalmente, — contribuiu para a nossa soberania política e para a organização institucional duma Nação livre. O constitucionalismo que o padre João Ribeiro censurou que certa lei paraibana de 1817 houvesse posto de lado, extinguindo as Câmaras: — eram elas, com efeito, que deviam dar legitimidade ao governo.

Foi sempre tão constitucional a vocação do povo brasileiro, que o nosso eminente e comum amigo, o jurista Seabra Fagundes, lembra que, já perto da Abdicação, o povo ainda aclamava o nosso primeiro Imperador desta maneira muito significativa: — Viva D. Pedro I, enquanto constitucional.

Não podemos esquecer que Edgar Barbosa dirigiu durante anos, com uma dedicação vizinha do apostolado, a Faculdade de Filosofia de Natal, onde deixou o seu espírito criador, o traço duma administração invulgar, o idealismo que as coisas da cultura e do pensamento reclamam para alcançar os seus altos e verdadeiros objetivos.

O que podemos esperar da sua palavra, num momento como este, é a oração que ao mistério do estilo alia a sabedoria dos tempos.

Nada mais me resta senão lhe dar, a ele, com esta desvalida saudação, a certeza de que a Comissão do Sesquicentenário da Universidade Federal de Pernambuco o recebe como uma das maiores afirmações da nossa cultura, a serviço, nesta noite, da História e do Patriotismo.

Representando o nosso querido Rio Grande do Norte sereis, hoje, eminente Prof. Edgar Barbosa, a voz que restaura no nosso coração a grandeza da vida no plano da sua criação heróica e eterna. — NILO PEREIRA